

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA: POR QUE, PARA QUE E PARA QUEM?¹

REFLECTIONS ABOUT SCIENTIFIC PRODUCTION: WHY, FOR WHAT AND FOR WHOM?

Franciele Mirian da Rocha², Felipe Hruschka do Amaral³, Walter Frantz⁴

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior ? Brasil (CAPES).

² Bolsista CAPES/PDSE. Doutoranda em Educação nas Ciências UNIJUÍ. E-mail: fmr.psico@hotmail.com

³ Psicólogo Esquizoanalista. Especialista em Psicopatologia e Dependência Química ? UNYLEYA. E-mail: felipepsi@bol.com.br

⁴ Professor orientador. DCJS/PPGEC.

Resumo

O diálogo que se pretende realizar, neste texto, é no sentido do “endereçamento” do conhecimento produzido na academia e sua relação com os pesquisadores, a partir dos paradigmas da modernidade, pós modernidade e da comunicação (se é que podemos separá-los). O que se pesquisa? Para quem se pesquisa e/ou escreve? Quem tem acesso a esses conteúdos? A quem convêm a divulgação (ou não) do conhecimento? Qualidade e quantidade seguem a mesma caminhada na produção científica brasileira? Existe a preocupação com relação ao fato de a linguagem acadêmica estar ou não colocada de forma com que mais pessoas tenham acesso, compreendam e possam se utilizar desse conhecimento em seu cotidiano? Estas são questões que serão discutidas a seguir.

Palavras-chave: produção científica; conhecimento; democratização do conhecimento.

Abstract

The dialogue that is intended to be carried out in this text is in the sense of the “addressing” of the knowledge produced at the universitys and its relationship with researchers, based on modernity, post-modernity and communication paradigms (if we can separate them). What is the object of the researches? Who are the researches and/or writing for? Who has access to this content? Who is the dissemination (or not) of knowledge for? Do quality and quantity follow the same path in Brazilian scientific production? Is there a concern about whether or not academic language is placed so that more people have access, understand and can use this knowledge in their daily lives? These are issues that will be discussed below.

Keywords: scientific production; knowledge; knowledge democratization.

1 INTRODUÇÃO

O artigo pretende realizar questionamentos e problematizações a cerca da produção científica no contemporâneo, seus impactos e desdobramentos éticos, estéticos e políticos no pensamento pós moderno, reflexões que vão, desde o olhar de uma produção científica, que, cada vez mais, assume um lugar central, na sociedade moderna, de uma ciência que é vista, entendida e com discursividade de Divindade, que tudo pode, aos exemplos das novas técnicas de genética dirigida e da utilização de

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

tecnologias como as da CRISPR-cas9[1].

O artigo também irá abordar as relações que se estreitam entre saber e poder, compreendendo que os discursos que são engendrados pelos saberes dominantes, buscam negar e/ou desqualificar os saberes minoritários. Assim, os processos de produção científica, em sua grande maioria, estão, hoje, ainda correndo atrás de saberes positivistas. Contudo, será que tais saberes estão somente vinculados a demonstrações, experimentos, ensaios clínicos, observações, ou este campo de conhecimento pode se produzir abrangendo uma infinidade muito maior e muito mais singular de experiências de saber presentes no real? (FOUCAULT, 2000; 2015). Também será refletido sobre o poder da informação, como circulam ou não as informações na pós-modernidade? Quem tem direito ao acesso e porquê? Afinal, vivemos em um mundo e em um tempo hiper informados e hiper velozes, entretanto, poucos são aqueles que, de fato, têm acesso as inovações produzidas, cientificamente, como nos diz Pierre Lévy (1993, p.132): “Para inventar a cultura do amanhã, será preciso que nos apropriemos das interfaces digitais.”

No texto também serão abordados temas envolvendo as exigências, cada vez maiores, na quantidade de produções científicas, demandadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e suas relações com a subjetivação capitalista, a busca por status quo, a busca por reais contribuições, que tenham impacto nos processos coletivos, além de caminhos que apontem para uma produção científica mais humanizada.

O artigo apresenta entre seus principais referenciais teóricos autores como Bauman (1998), Boufleuer (2002), Freire (1987), González e Fensterseifer (2008), Marques (1992; 2001) e Schneider (2002).

2 METODOLOGIA

O presente artigo se caracteriza por ser de natureza qualitativa e bibliográfica. A pesquisa qualitativa, para Minayo (2012, p. 21), “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. E, para Lakatos e Marconi (2003, p. 183), a pesquisa bibliográfica abrange “toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo”. Não se trata de uma repetição daquilo que foi escrito anteriormente sobre o assunto em questão, mas sim um novo enfoque, com novas discussões das circunstâncias formadas por conexões diferenciadas das anteriores.

3 DISCUSSÃO

Segundo relatório da Clarivate Analytics para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a pesquisa brasileira tem avançado quali e quantitativamente entre os anos de 2011 a 2016. Este documento disserta, também, a respeito das mudanças na política e no financiamento que impactaram no desempenho da pesquisa, bem como pontos fortes da ciência no Brasil. Discorre que o país é o 13º no ranking mundial de publicações. Além disso, conta com informações sobre a produtividade de cada Estado (CAPES, 2018).

Sabe-se que a universidade[2] é um local no qual se produz conhecimento. Esta é a função que foi, socialmente, construída e afirmada por mais de dois séculos, correspondentes ao período que

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

podemos denominar por modernidade[3]. Nessa direção, a modernidade, de acordo com Touraine (2002, p. 18) apud Maria (2013, p. 70), coloca “[...] a ciência no centro da sociedade, substituindo Deus, deixando as crenças religiosas para a vida privada [...], [e] que vida pública e vida privada sejam separadas, assim como devem ser as fortunas privadas do orçamento do Estado ou das empresas.

Neste meio, os sujeitos modernos se assujeitam aos modos de produção capitalista, pois é mais cômodo, os poupa da condição/responsabilidade de serem sujeitos de sua própria história. A ciência, nesse viés, sendo uma espécie de Deus, é inquestionável e tudo pode. Porém, não é aceitável a concepção de que os cientistas são cânones, entidades superiores às quais se deve inteira adoração. Na verdade, são pessoas que (supostamente) trabalham a serviço da sociedade, pelo bem comum, analisando as problemáticas e propondo debates e soluções junto às comunidades. Nas palavras de Freire,

Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? (1987, p. 51 e 52)

Mário Osório Marques trata da temática dos paradigmas[4] em educação (1992, p. 547) na direção de um “repensar o próprio pensamento no que tem ele de impensado, nos seus pressupostos mais esconsos”. O autor traz a urgência da mudança radical daquilo que temos como paradigmas em educação, o que também diz respeito a toda ação humana e seus desdobramentos. Sendo assim, mergulhar na cultura e ir até as profundezas de seus paradigmas, pode ser positivo, mas apenas até o momento em que alcançamos o fundo. Após isto, devemos retornar à superfície, retomar a respiração e, até mesmo, pegar uma carona em um barco para desbravar outros mares.

O diálogo que se pretende realizar, neste texto, é no sentido do “endereçamento” desse conhecimento e sua relação com os pesquisadores, a partir dos paradigmas da modernidade, pós-modernidade e da comunicação (se é que podemos separá-los). O que se pesquisa? Para quem se pesquisa e/ou escreve? Quem tem acesso a estes conteúdos? A quem convêm a divulgação (ou não) do conhecimento? Qualidade e quantidade seguem a mesma caminhada na produção científica brasileira? Existe a preocupação com relação ao fato de a linguagem acadêmica estar ou não colocada de forma com que mais pessoas tenham acesso, compreendam e possam se utilizar deste conhecimento em seu cotidiano? São questões que serão discutidas a seguir, tendo como referencial teórico autores como Bauman (1998), Boufleuer (2002), Freire (1987), González e Fensterseifer (2008), Marques (1992; 2001) e Schneider (2002).

Dizer que vivemos na era da informação pode, muitas vezes, trazer a ideia de que a disseminação dos saberes transita, democraticamente, pelos grupos sociais. Porém, sabe-se que a acessibilidade do conhecimento não é disponibilizada a todos, e, em alguns momentos isso é intencional. Todo conhecimento pressupõe um débito para com a coletividade humana, ou seja, uma vez que ele tenha sido tecido por outrem, deve-se dialogar com o outro a respeito de como este foi obtido e porquê. Paulo Freire apresenta, em sua obra, pensamento consoante. Nesse sentido, de acordo com Leiro

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

(2005, p. 9),

O pressuposto teórico de Paulo Freire, de uma educação que gere um discurso que seja caracterizado pela comunicação e não por simples comunicados, de uma educação orientada para a autenticidade, que permita ao homem usar a sua palavra e descobrir-se produtor de cultura, visa não deixar nenhum indivíduo imerso na inconsciência ou à deriva, ao sabor dos mandos e desmandos dos poderosos do mundo.

Quem seriam os poderosos do mundo? A indústria farmacêutica, os bancos, os capitalistas, a mídia? Com a Revolução Industrial, desenvolveu-se a Indústria Cultural[5], conforme a qual a mídia faz a mediação das informações entre a realidade e a comunidade, manipulando o que é transmitido para construir uma realidade fictícia. Tudo isso com uma finalidade: o crescimento econômico. Não exatamente o crescimento econômico das massas, do povo, mas sim daqueles que estavam por trás das mídias. Por essa perspectiva, a população não passa de uma marionete no teatro do capitalismo.

Estariamos como os operários no filme Tempos Modernos[6], de Charles Chaplin, produzindo em larga escala, mais do mesmo, cegamente, em um ritmo insano? Em que lugar se quer chegar, afinal? Vivemos esperando o apito do final do expediente na fábrica intelectual ou fazemos produções relevantes e instigadoras à sociedade? É importante ressaltar que este trabalho não pretende criticar de forma negativa o sistema da CAPES, ou qualquer outra instituição relacionada à ciência, mas, sim, provocar reflexões a respeito das práticas que se tem realizado, a fim de aprimora-las em uma direção mais saudável.

A universidade que se produziu, no paradigma moderno está em crise, devido as suas tendências industriais, excludentes e de uma educação que atende aos padrões da globalização neoliberal. Desponta a necessidade de uma educação reconstruída a partir da “releitura dela [mesma] à luz do presente que temos e do futuro que queremos, uma hermenêutica que parta do pressuposto de que nenhuma tradição se esgota em si mesma, bem como nenhuma é dona original de seu próprio sentido” (MARQUES, 1992, p. 549).

De acordo Bauman (1998), trocou-se a segurança por um quinhão de felicidade, sendo esse o maior motivo do mal-estar humano. “Estariamos, portanto, diante de um novo momento social que prega a satisfação individual, mas é marcado por exigências constantes de mudança que acabariam por gerar insegurança” (ibidem, p. 61). Neste ínterim, Schneider (2002) postula a importância do desconforto gerado pela tomada de consciência das questões da universidade, o que também diz respeito à educação e à ciência. Novas demandas são criadas, diariamente e os sentidos e funções da universidade devem ser revistos e revisitados a fim de trazer à baila questionamentos pertinentes ao período em que se vive. Quem está “do lado de dentro dos muros” da universidade tem o dever de, primeiramente, derrubá-los, e, também, buscar soluções para velhos problemas, duvidar daquilo que está posto, convidar a comunidade a participar do diálogo. Nas palavras de Freire (1987, p. 54):

Não seriam poucos os exemplos, que poderiam ser citados, de planos, de natureza política ou simplesmente docente, que falharam porque os seus realizadores partiram de sua visão pessoal da realidade. Porque não levaram em conta, num mínimo instante, os homens em situação a quem se

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

dirigia seu programa, a não ser como puras incidências de sua ação. [...] Esquecem-se de que o seu objetivo fundamental é lutar com o povo pela recuperação da humanidade roubada e não conquistar o povo. [...] Ao revolucionário cabe libertar e libertar-se com o povo, não conquistá-lo.

Levar em conta aquilo que o outro pensa significa caminhar lado a lado nas reflexões, e não puxá-lo pela mão – como se fosse incapaz – ou deixar que ande sozinho. Esta seria a ideia do paradigma da comunicação, no qual, para Boufleuer (2002, p. 81), “a razão deixa de ter o seu locus privilegiado no sujeito individual. O operar da razão passa a ser um feito social, intersubjetivo”. Outrossim, o autor (ibidem, 2002), concorda com o pensamento de Habermas, citado por Rouanet (1987, p. 13-14):

Para Habermas, chegou o momento de abandonar o paradigma da relação sujeito-objeto, que tem dominado grande parte do pensamento ocidental, substituindo-o por outro paradigma: o da relação comunicativa, que parte das interações entre sujeitos, linguisticamente mediatizadas, que se dão na comunicação cotidiana. Dentro desse novo paradigma, a racionalidade adere aos procedimentos pelos quais os protagonistas de um processo comunicativo conduzem sua argumentação, com vistas ao entendimento último, referindo-se, em cada caso, a três contextos distintos: o mundo objetivo das coisas, o mundo social das normas e o mundo subjetivo das vivências e emoções. É um conceito processual da razão: serão racionais não as proposições que correspondam à verdade objetiva, mas aquelas que foram validadas num processo argumentativo em que o consenso foi alcançado sem deformações externas, resultantes da violência, ou internas, resultantes da falsa consciência, através de provas e contraprovas, de argumentos e contra-argumentos.

Conhecimento é poder, no sentido de que abre possibilidades, e não como um produtor de dominação. No momento da tomada de consciência deste fato, o sujeito pode utilizar-se da força do argumento ao invés do argumento da força, a partir de seu lugar de fala. Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), aborda o medo da liberdade, do perigo da conscientização, mostrando que muitos consideram o conhecimento um gatilho para a desordem social. Porém, é de se pensar que se, na história brasileira o povo tivesse acesso ao saber e à participação nos diálogos, a crise moral e política que se instaura hoje não seria tão grave. Sendo assim, pode-se dizer com bastante clareza que, sendo o conhecimento uma relação social argumentativa, seu acesso deve estar disponível a todos. Nesse sentido, Boufleuer (2002, p. 81) comenta:

O paradigma da comunicação é o que subjaz a um conjunto de propostas pedagógicas mais recentes, que valorizam os aspectos de interação e de diálogo nas práticas educativas. A pedagogia de Paulo Freire, embora não elaborada teoricamente a partir do referencial de uma racionalidade comunicativa, pode, enquanto implementação de uma prática baseada no diálogo, ser considerada uma pedagogia comunicativa. Na mesma direção, colocam-se as propostas que compreendem as aprendizagens como processos de significação de saberes por parte dos aprendentes, já que isso sempre implica percepção das razões que tornam esses saberes pretensamente válidos.

Além disso, como discorre Paulo Freire, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, na ação-reflexão” (1987, p.44). E é assim que o pesquisador deve demonstrar seu real compromisso social, na práxis, na pesquisa e na escrita. Um compromisso social pode ser pensado na medida em

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

que o indivíduo percebe a problemática da sociedade e suas mazelas, decide sair do lugar do senso comum e ir à campo buscar novas alternativas e caminhos para a possível resolução destas, trazendo bem estar social.

Tendo esta responsabilidade sob as costas, somada às exigências da universidade e das instituições de fomento à pesquisa, os pesquisadores acabam por desgastarem sua saúde mental e física, travando uma batalha consigo mesmos e com os demais. Porém, esta é uma guerra sem fim, pois a demanda quali e quantitativa cresce em grandes proporções. Talvez é chegado o momento de se pesquisar (e preocupar-se) com a gestão destes processos para que os envolvidos possam fazer ciência dentro de condições favoráveis nos diversos âmbitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O despontar da pós modernidade traz a liberdade de escolha e a insegurança do amanhã. A responsabilidade pelas escolhas e suas consequências, junto às múltiplas possibilidades e habilidades. A questão que se coloca ao final deste trabalho é: como encontrar pontos de equilíbrio entre o café com os amigos e a escrita de uma Tese, entre o diálogo numa comunidade quilombola e uma reunião do colegiado, entre o prestígio social e a sanidade mental?

Talvez uma alternativa seria questionar as instituições naquilo que está fora das condições humanamente possíveis, para que revejam suas exigências. Mas também não resolveria o problema. Ou então, realizar pequenas revoluções na medida em que abrimo-nos para ouvir o contraditório com relação ao que sabemos. E, não menos importante, ter fé na humanidade e no poder da educação, pois como disse Freire: “Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens (FREIRE, 1987, p. 81)”.

Cada um deve ter consciência de que é responsável por uma fração da educação. O ser humano possui a capacidade de raciocínio e reflexão, e deve se dar conta de que não servem para reproduzir conhecimentos e repetir ações. Nas palavras de Holquist (1990), “a singularidade do lugar que eu ocupo na existência é, no sentido mais profundo da palavra, uma responsabilidade [...] e nós devemos continuar a elaborar respostas enquanto estivermos vivos” (HOLQUIST, 1990, p. 30). A revolução só se faz com reflexão. Assim, a música “Alucinação”, de Belchior (1976), vai na direção de um pensamento preocupado com as relações humanas que estamos estabelecendo, para além de meras linhas escritas e discursos vazios:

Eu não estou interessado em nenhuma teoria,

Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
Nem em tinta pro meu rosto ou oba oba, ou melodia
Para acompanhar bocejos, sonhos matinais
Eu não estou interessado em nenhuma teoria,

Nem nessas coisas do oriente, romances astrais
A minha alucinação é suportar o dia-a-dia,

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

E meu delírio é a experiência com coisas reais
[...] Amar e mudar as coisas me interessa mais
Amar e mudar as coisas, amar e mudar as coisas me interessa mais.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BELCHIOR, Antônio Carlos. Alucinação. In: BELCHIOR, Antônio Carlos. Alucinação. Polygram/Philips, 1976. Disco sonoro. Lado B, faixa 1.

BOUFLEUER, José Pedro. Filosofia: uma demanda da educação. In: Revista educação. v. 27 - nº 02 – 2002, p. 77-81, 2002.

CAPES. Documento disponibilizado à CAPES apresenta desempenho e tendências na pesquisa brasileira. Brasília, DF, Notícias Capes, 17 jan. 2018. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/8726-documento-disponibilizado-a-capes-apresenta-desempenho-e-tendencias-na-pesquisa-brasileira>> Acesso em 10 ago. 2018.

DIAS, Camila Almeida de Paula; DIAS, Janice Maria Ribeiro. O sistema crispr/cas como uma nova ferramenta biotecnológica na edição de genomas: aplicações e implicações. Rev. Ambiente Acadêmico (ISSN Impresso 2447-7273, ISSN online 2526-0286), v.4, n.1, jan./jun. 2018.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do saber. 6ª.Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 2ª.Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Dicionário crítico de educação física. 2. ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

HOLQUIST, Michael. Dialogism: Bakhtin and his world. London: Routledge, 1990.

LEIRO, Eliana Maria V. F. Linguagem, cultura e identidade: uma leitura intertextual de Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. Cadernos de Pós-Graduação em Letras, v. 5, p. 8-15, 2005.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

Janeiro: Ed. 34, 1993.

MARIA, Pedro de Castro. Ciência, modernidade e pós-modernidade. In: Revista angolana de sociologia, 12 | 2013, 01 mar. 2015. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/ras/732>> Acesso em 19 ago. 2018.

MARQUES, Mario Osorio. Escrever é preciso: o princípio da pesquisa. 4. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

MARQUES, Mario Osorio. Os paradigmas da educação. Revista brasileira de estudos pedagógicos, Brasília, v.73, n. 175, p. 547-565, set./dez. 1992.

ROUANET, Sérgio Paulo. As raízes do iluminismo. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SCHNEIDER, Paulo Rudi. Ideia de universidade: profissionalização, pesquisa e cultura. In: ROHDEN, Valério (Org.). Ideias de universidade. Canoas – RS: Editora da ULBRA, 2002.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Tempos Modernos. S/d. Disponível em <<http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=703#>> Acesso em 15 ago. 2018.

[1] A tecnologia CRISPR/Cas9 possibilita a manipulação genética com ferramentas simples, como por exemplo, uma tesoura, capaz de ser direcionada exatamente para o gene a ser excluído. Porém, esse sistema não corrobora com questões éticas, ao passo que suas aplicações podem ser direcionadas para aquisição de vantagens estéticas, como a produção de organismos perfeitos. [] Uma das ferramentas desse sistema é uma proteína, a Cas9, que tem a capacidade de localizar, clivar e degradar o DNA do vírus de forma específica. Baseados nesses mecanismos os cientistas descobriram que há a possibilidade de usar a Cas9 como tecnologia da engenharia genética, para apagar ou inserir genes específicos do DNA humano. (DIAS e DIAS, 2018, p. 7-8)

[2] A universidade é tempo e lugar de reflexão radical sobre a totalidade do que foi posto como conhecimento prático e teórico na sociedade humana. Além de ocupar professores, alunos e administração na formação de futuros profissionais, a universidade diferencia-se de todas as outras instituições que compõe a sociedade, especificando-se como possibilidade de constante e radical dinâmica e processualidade reflexiva (GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2008, p. 417).

[3] A modernidade tem origem em vários aspectos: ela é a transformação da comunidade tradicional nos âmbitos da cultura, economia, política, etc. Segundo Max Weber, a modernidade se caracteriza como um processo específico de racionalização (GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2008, p. 290).

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

[4] Pode-se entender como “modelo do qual emanam tradições coerentes de investigação científica”, como “fonte de instrumentos”, como “princípio organizador capaz de governar a própria percepção”, como “um novo modo de ver e desvelar enigmas permitindo perceber seus componentes de uma nova forma”, como determinantes de grandes áreas de experiência, como lógica reconstituída, ou como maneiras de ver, decifrar, analisar e articular os elementos de uma determinada realidade (GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2008, p. 308).

[5] A expressão indústria cultural [foi] [...] cunhada para substituir, com mais precisão, a de cultura de massa. [...] Com a substituição, a ideia dos autores era não confundir uma cultura produzida popularmente com o processo de produção segundo os mecanismos e espírito da indústria, fortemente criticado por Horkheimer e Adorno (GONZALEZ e FENSTERSEIFER, 2008, p. 239)

[6] Clássico da comédia dos EUA. Produzido em 1936, é um filme em preto e branco, mudo. Retrata a sociedade americana, após a crise econômica de 1929. Nessa pequena obra-prima, somos convidados a pensar sobre [...] a vida do na sociedade industrial caracterizada pela produção com base no sistema de linha de montagem e especialização do trabalho. É uma crítica à "modernidade" e ao capitalismo representado pelo modelo de industrialização, onde o operário é engolido pelo poder do capital e perseguido por suas ideias "subversivas" (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ, s/d).

Parecer CEUA: 3.702.454